



## VALOR DIMINUTIVO DO SUFIXO *-ÃO* EM PORTUGUÊS

### DIMINUTIVE VALUE OF THE SUFFIX *-ÃO* IN PORTUGUESE

Graça Rio-Torto<sup>1</sup>

#### RESUMO

Neste estudo descreve-se o uso do valor diminutivo do sufixo *-ão* em português, seja na variante europeia, em cuja língua não padrão se encontra mais atestado, seja na variante brasileira, na qual tem uso diminuto. Uma vez que a identidade de uma língua não se confina à língua comum, mas inclui as suas manifestações diatópicas, diastráticas, diafásicas e diacrónicas, foram compulsadas fontes dialectais do português europeu que abonam a ocorrência do sufixo com valor diminutivo (cf. *pontão* ‘pequena ponte sobre um ribeiro, pequeno viaducto em estradas’; *ribeirão* ‘curso de água menor que um rio e maior que um riacho’), o qual está igualmente presente em outras línguas românicas, e analisam-se as condições estruturais e históricas da ocorrência deste padrão românico no idioma lusitano. Embora o valor semântico de diminuição de *-ão* esteja menos representado, sendo claramente periférico na atualidade, ele tem reflexos relevantes nas implicações que a duplicidade de ‘diminuição’ e ‘aumentação’ comporta para o estatuto dos avaliativos e para um dos fundamentos maiores da morfologia construcional e cognitivista: o pareamento entre estrutura semântica e estrutura fonológica. Propõe-se, então, uma solução compatível com este princípio e com a dualidade semântica de *-ão*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Derivação; Sufixos avaliativos; Sufixos Diminutivos; Formação de palavras; Língua Portuguesa.

#### ABSTRACT

This study describes the use of the diminutive value of the suffix *-ão* in Portuguese, either in the European variant, in whose non-standard language is more attested, or in the Brazilian variant, in which it has small use. As the identity of a language is not confined to the common language, but includes its diatopic, diastractic, diaphasic and diachronic manifestations, dialectal sources of the European Portuguese were explored, since they support the occurrence of the suffix with a diminutive value (cf. *pontão* ‘little bridge [ponte] over a brook, small viaduct on roads’; *ribeirão* ‘water course smaller than a river and greater than a stream’), which is also present in other Romance languages. The structural and historical conditions of the occurrence of this Romance pattern in the Lusitanian language are analyzed. Although diminutive value of *-ão* is less represented, being clearly peripheral today, it has relevant repercussions on the implications that the duplicity of ‘diminution’ and ‘augmentation’ have for the status of evaluative suffixes and for one of major foundations of construcional and cognitive morphology: the pairing between semantic structure and phonological structure. A solution compatible with this principle and the semantic duality of *-ão* will be proposed.

**KEYWORDS:** Derivation; Evaluative suffixes; Diminutive suffixes; Word formation; Portuguese Language.

<sup>1</sup> Professora Catedrática do Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas/Membro do Celga-Iltec, da Faculdade de Letras (FLUC) da Universidade de Coimbra (UC). [gracart@gmail.com](mailto:gracart@gmail.com).

## Introdução

Nas gramáticas de referência do português, como as de Cunha e Cintra (1984: 91-92) e Bechara (2004: 361), o sufixo *-ão* é descrito como um aumentativo, não havendo qualquer referência ao seu valor diminutivo. Rocha Lima (1972) e Azeredo (2010) também não lhe fazem menção. O mesmo se aplica a Soares Barbosa (1822), Michaëlis de Vasconcelos (1914), Basílio (1999, 2004), Kehdi (1992) e Sandmann (1989).

O valor aumentativo de *-ão* é, em regra, o único assinalado, não sendo sequer mencionado o seu sentido diminutivo, por aquele ser de longe o semantismo mais representado e disponível.

Em todo o caso, a realidade da língua portuguesa, usada em Portugal ou no Brasil, revela-se mais complexa, pois em alguns casos, na língua comum e, sobretudo, na linguagem do mundo rural de falantes menos alfabetizados, em várias zonas dialectais de Portugal, persiste o uso de *-ão* com valor diminutivo, o que conduz a uma pluralidade semântica do sufixo e a uma não univocidade forma-sentido, com consequências teóricas não despiciendas para a morfologia derivacional e para o estatuto do sufixo.

Com efeito, a dificuldade de atribuição de um só significado a cada sufixo, documentada pela presença de mais do que um semantismo associado à mesma forma, derroga a relação de pareamento entre forma e significado (Aronoff; Fudeman 2005: 38-40), fundacional da morfologia construcional e da Linguística Cognitiva (Langacker 1987; Bybee 2010), em favor de uma relação plurívoca.

## Pressupostos teóricos e metodologia

O quadro teórico que espalda esta reflexão é multidimensional, envolvendo o pensamento de nomes de referência dos estudos morfológicos e lexicais, como Aronoff; Fudeman (2005), Basílio (1999, 2004), Booij (2007, 2010), Gonçalves (2016), Nunes (1989), Michaëlis de Vasconcelos (1914), Rio-Torto (1993, 2016). A língua é encarada no seu uso, nas suas dimensões construcional, mental, cognitiva, sociocultural e pragmática, na sua variação diatópica, diafásica e diastrática, e nas suas sincronias e diacronias.

Dados de diferentes sincronias e de diferentes universos sociodialectais podem contribuir para clarificar o estatuto e o semantismo de certos afixos, como o dos avaliativos, mormente quando alguns destes são propensos a uma acentuada polissemia.

Foram escrutinadas fontes lexicográficas, representativas da realidade brasileira e portuguesa, maioritariamente do último quartel do século XX, de uso comum e com abrangências e extensão diversas, tais como o *Dicionário da língua portuguesa* da Porto Editora, o *Dicionário*

da *Língua Portuguesa* da Domingos Barreira, o *Grande dicionário da Língua Portuguesa*, de Cândido de Figueiredo, o *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2021, o *Novo dicionário da língua portuguesa*, de Aurélio Ferreira (2ª edição), e o *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*.

As fontes dialectais por nós compulsadas, muitas das quais inéditas, como (i) teses de Licenciatura [então de cinco anos] das Faculdades de Letras da Universidade de Coimbra e da Universidade de Lisboa e (ii) Relatórios do *Inquérito Linguístico Boléo*, consultáveis na Faculdade de Letras de Coimbra, testemunham o uso de -ão com valor diminutivo, ainda que não muito produtivo e/ou disponível, sobretudo em variedades mais ‘rurais’ do português europeu. Todavia, alguns dos nomes derivados em -ão com valor diminutivo são comuns a todo o universo pluricontinental de língua portuguesa, o que se deve à sua longevidade na história da língua (*cordão, estradão, pontão*, todos atestados desde o século XIII).

### **O sufixo -ão: origem e manifestações do valor diminutivo**

Em várias línguas românicas, entre as quais a portuguesa, a espanhola, a italiana, a romena, o valor mais atestado dos representantes de -ONE é o aumentativo ou intensivo. Mas o francês, o provençal, o siciliano, o calabrês, o catalão, o aragonês e o galego dispõem ainda do valor diminutivo (DIEZ, 1874, p. 315-317; HASSELROT, 1957, p. 225), que também existe, ainda que escassamente representado, no português. Diez considera que é natural que tenha sido o francês a língua que mais diretamente contribuiu para o aparecimento de -ão diminutivo em português, como o atesta *cordão*, certamente do francês *cordon*.

Segundo Hasselrot (1957), -ONE era um sufixo raro na literatura antiga. Deve ter sido contemporâneo de -ITTU, mas teria sido usado apenas na linguagem oral. Qualquer que seja a sua gênese, a preservação do valor diminutivo de -ão em Portugal, como em terras de língua aragonesa, catalã, franco-provençal, siciliana e calabresa, aponta para um traço românico presente em várias geografias, por certo tributário de vários fenômenos de contacto linguístico em regiões tão distantes e ‘marginais’ quanto o litoral atlântico da Península Ibérica e o do sul de Itália (MAGNO, 1961), e de que há testemunhos inequívocos, nomeadamente no tocante às denominações de alfaias e utensílios agrícolas, como as denominações de medidas de capacidade e as de corte (PINTO, 1981, 1983). Os grandes manuais recentes de linguística românica (HARRIS; VINCENT, 1990; LEDGEWAY; MAIDEN, 2016, 2022) não fazem menção à disseminação e às razões da dispersão dos descendentes de -ONE com valor diminutivo, os quais sinalizam uma rede de intercomunicação lexical certamente muito antiga que, fruto de vicissitudes várias, se manteve como dominante em certas latitudes, e minoritária noutras.

O valor diminutivo de *-ão* é um valor não disponível no português coloquial contemporâneo, mas atestado em palavras recolhidas na linguagem popular de algumas variedades linguísticas mais conservadoras. Provavelmente, dos nomes de valor diminutivo abaixo arrolados, apenas pontão ‘pequena ponte sobre um ribeiro; pequeno viaduto em estradas’ e estradão ‘estrada ou caminho rústico e irregular, geralmente sem bermas definidas (*estradão em terra batida*)’ serão reconhecidos e usados com valor diminutivo na língua comum. No *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/> [consultado em 09-11-2021], de onde foram extraídas estas descrições, o primeiro semantismo abonado de estradão é o de ‘estrada grande ou larga’, confirmando assim a duplicidade de valores avaliativos associada a *-ão*.

Primitivamente este sufixo tinha por função explicitar, de forma neutra, a individualização ou a singularização de algo em relação ao que a base denota, mas progressivamente foi adquirindo os valores aumentativo e diminutivo. Como afirma o filólogo,

«ONE servait primitivement à individualiser; il s'attache à des thèmes verbaux ou nominaux pour désigner la personne qui accomplit une action avec une prédilection particulière, qui possède une qualité à un degré supérieur, qui se fait remarquer, attire parmi les autres l'attention par son occupation, par une particularité interne ou externe. Or cette signification fondamentale s'est diversement développée dans les différentes langues: -one est devenu dans presque tout le domaine franchement augmentatif, mais il a aussi élargi davantage encore sa propriété d'individualiser» (MEYER-LÜBKE, 1895, §456)<sup>2</sup>.

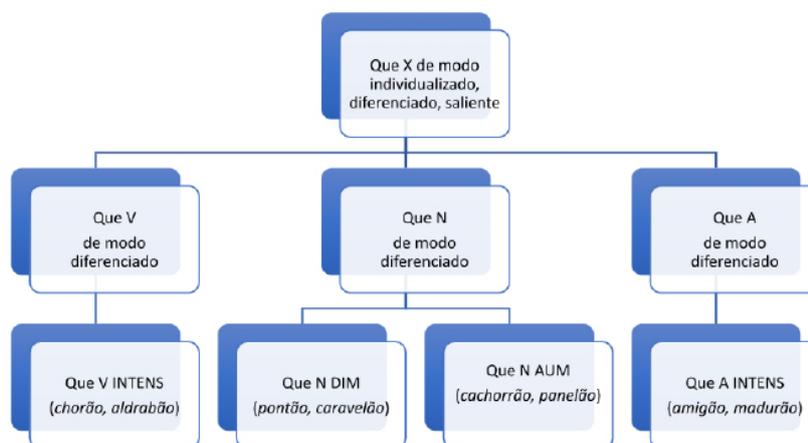
Assim, o valor matricial terá sido o de INDIVIDUALIZAÇÃO, através de uma dada propriedade saliente, que se cristalizou essencialmente no sentido aumentativo-intensivo, mas também no diminutivo. Na figura (1), o valor mais genérico, matricial e não subcategorizado de INDIVIDUALIZAÇÃO, de DIFERENCIAÇÃO é representado por “Que X de modo individualizado, diferenciado, saliente”; os valores de verbal, denominal e deadjetival são representados por “Que V de modo diferenciado”, “Que N de modo diferenciado”, “Que A de modo diferenciado” e manifestam-se, no uso concreto, por valores intensivos/aumentativos<sup>3</sup> e,

2 Tradução nossa: «ONE servia primitivamente para individualizar; ele acopla-se a temas verbais e nominais para designar a pessoa que pratica uma ação com uma predileção particular, que possui uma qualidade em grau superior, que se faz notar, que atrai a atenção face aos outros pela sua ocupação, por uma particularidade interna ou externa. Ora, esta significação fundamental desenvolveu-se de modo diverso nas diferentes línguas românicas: -one tornou-se aumentativo em quase todo o domínio [românico], mas ele também alargou grandemente a sua propriedade de individualizar.»

3 Como Rio-Torto; Rodrigues (2016: 190-191 e 222-223) assinalam, este sufixo tem tendência a acoplar-se a bases não eruditas, formando nomes de evento culminado súbito e intenso, *como apertão, empurrão, encontrão, escaldão, rasgão*; no caso dos nomes de indivíduo (*berrão, chorão, reflão, saltão*), o indivíduo é individualizado pela intensidade e frequência com que efetua o evento. Ademais, há distribuição complementar entre os verbos que estão na origem de nomes de evento e dos de indivíduo, pois os verbos inacusativos e os de evento efetuado com força impulsiva apenas servem de base a nomes de evento, não a nomes de indivíduo.

apenas no caso dos nomes denominais, também pelo valor diminutivo. A Figura (1) sumariza as diferentes possibilidades combinatórias e respectivos valores semânticos de -ão.

**Figura 1** – Do valor matricial aos valores de uso do sufixo -ão: esquemas construcionais e exemplos empíricos.



**Fonte:** elaboração própria

Para alguns, a emergência do valor diminutivo de -ão é parcialmente determinada pelo conteúdo da base a que o sufixo se anexa. Mas a coexistência de produtos nominais passíveis de uma leitura aumentativa e diminutiva atesta que o semantismo da base não tem influência sobre o valor do sufixo. Palavras como *albardão*, *alqueirão*, *caldeirão*, *casão*, *estradao*, *feirão*, *leirão*, *milhão*, *montão*, *peixão*, *pulgão*, *telhão* serão interpretadas, *a priori*, por um falante comum, como aumentativas; a sua leitura diminutiva ficará por certo circunscrita aos falantes de língua materna que já tenham tido acesso ao contacto com tais derivados, com esse valor mais antigo. Um caso paradigmático é o de *montão* que, nas edições dos anos 80 do *Dicionário da língua portuguesa* da Porto Editora ainda é descrito como ‘montículo, monte pequeno’, mas também como ‘conjunto de coisas empilhadas sem preocupação de ordem; acervo; pilha; aos montões ‘em grande quantidade’. Nas edições mais recentes do mesmo dicionário o valor diminutivo já não é abonado.

O sufixo -ão com valor diminutivo agrega-se fundamentalmente a bases marcadas pelo traço [-ANIMADO] (cf. *agulhão*; *albardão*; *batelão*; *caldeirão*; *camalhão*; *cangão*; *carreirão*; *casão*; *chavelhão*; *chicharões*; *cubatão*; *escadão*; *feirão*; *foução/foição*; *leirão*; *malotão*; *masseirão*; *milhão*; *montão*; *mosquetão*; *pedrões*; *pontelhão*; *regueirão*; *ribeirão*; *telhão*; *terrão*; *urtigão*) e pelo traço [+ANIMAL] (cf. *aguidão*; *aguidão*; *peixão*; *pintão*; *pulgão*). Não há registo de derivados construídos com base em radicais de nomes de ser humano, de nomes de qualidade ou de propriedade. Em português, e tanto quanto nos é dado saber, nas demais línguas românicas, o valor diminutivo do sufixo não está disponível para a derivação de nomes deverbais. Este sufixo também não é compatível com bases adjetivas. O seu espectro combinatório é,

pois, manifestamente diminuto face ao de *-ão* com valor aumentativo/intensivo que, sendo compaginável com bases nominais, adjetivais e verbais, tem muito mais condições estruturais para continuar disponível e produtivo, o que não acontece com *-ão* de valor diminutivo.

Alguns casos, como o de *mantão* ‘(ant.) espécie de capote curto’ (Figueiredo 1981), ‘espécie de capotilha’ (Silva 1955), ‘espécie de capa com capuz’ (Machado 1977) apresentam fronteiras ténues entre o valor diminutivo e o especializado. São aqui considerados os nomes que explicitamente possuam traços semânticos de diminuição, nas suas diversas modalidades e variantes ("tipo mais pequeno de X", em que X representa o denotado pela base nominal), ou seja, todos aqueles cuja significação pressupõe uma avaliação diminutiva que afeta as dimensões, a estatura, a idade, entre outras.

Na listagem de dados empíricos que se seguem (1-38), as referências lexicográficas correspondem aos seguintes dicionários do Brasil e de Portugal:

- **Costa; Melo 1984:** Costa, J. Á; Melo, A. S. Dicionário da língua portuguesa. 6.a ed. Porto, Porto Editora; 1984.
- **Ferreira 1987:** Ferreira, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2a edição. Rio de Janeiro, Nova Fronteira; 1987.
- **Figueiredo 1981:** Figueiredo, C. *Grande dicionário da língua portuguesa*. 2 vols. Lisboa, Bertrand. 16a edição, 1981.
- **Houaiss 2002:** Houaiss, A. Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Editora Objetiva; 2002.
- **Silva 1955:** Silva, F. J. Dicionário da língua portuguesa. 3.a ed. Porto, Domingos Barreira; 1955.

São os seguintes os derivados recolhidos nas fontes lexicográficas e dialectais compulsadas:

- 1) **adelhão** — calha de madeira/pequena caldeira, suspensa da adelha, com inclinação regulada por um cordel [...] (Figueiredo 1981); espécie de caldeira que conduz o cereal da adelha para o centro da mó (Costa; Melo 1984).
- 2) **agudião** — formiga alada, mais pequena que a agúdia (Figueiredo 1981).
- 3) **aguidão** — agúida pequena (Figueiredo 1981).
- 4) **agulhão** — pequena bússula de bordo (Costa; Melo 1984; Figueiredo 1981); (náut.) agulha-padrão; pedra pontiaguda submersa no leito dum rio (Ferreira 1987).
- 5) **albardão** — albarda pequena, no falar popular de Odeleite, Algarve (Cruz, 1991, p. 146).

- 6) **barranhão** — (ou *barrenhão*) recipiente de madeira onde se prepara a comida para os porcos; pequeno alguidar (**Costa; Melo 1984**); (prov.) pequeno barril portátil para vinho (**Silva 1955**); alguidar pequeno, não vidrado, na linguagem popular de Aldeia Nova de São Bento, Serpa, Beja (Seita 1944, p. 46); pequeno alguidar ou vasilha de barro grosseiro, semelhante ao alguidar, mas mais pequeno, onde comem os ganhões (Pombinho Jr. 1924, p. 74).
- 7) **batelão** — (bras. MT) canoa pequena (**Ferreira 1987**).
- 8) **cangão** — canga pequena, sem varandas ou molduras; registado em Venade, Caminha, Viana do Castelo (Loução 1931, p. 251).
- 9) **caravelão** — (ant.) antiga embarcação de vela, de porte inferior às vulgares nesse tempo e sem acabamento perfeito (**Costa; Melo 1984**); caravela pequena e rudimentar, muito utilizada no litoral brasileiro no início da colonização (**Ferreira 1987**); já atestada no *Tratado descritivo do Brasil (1587)* de Gabriel Soares de Sousa (cf. Primeira Parte: Roteiro geral da Costa brasílica, capítulo IX, p. 50; *ibidem*, p. 124).
- 10) **carreirão** — (prov. transm.) caminho estreito para carros; pequeno carreiro (**Figueiredo 1981**); pequeno caminho de carros; um carreiro (SANTOS, 1967, p. 243).
- 11) **casão** — pequena casa onde se arruma o material da pesca, também designada por *casino* na Ericeira, Mafra, Lisboa (Alves 1965, p. 205).
- 12) **chavelhão** — peça de madeira, mais pequena que a *chavelha*, que se enfia na cabeçalha, à frente da canga, registado em Vila Nova de Ourém, Santarém (Silva 1972, p. 277).
- 13) **chicharões** — feijões ‘chícharos’ pequenos, na linguagem popular da Beira Baixa (Dias 1962, p. 33).
- 14) **cobrão** — cobreiro ‘cobra pequena’ (**Costa; Melo 1984**).
- 15) **cubatão** — (bras. SP) pequena elevação no sopé de cordilheiras (**Ferreira 1987**).
- 16) **dobrão** — antiga moeda portuguesa de ouro, que valia 24 réis (**Figueiredo 1981**); (bras. do N e NE) moeda antiga de cobre, do valor de 40 réis (**Ferreira 1987**). Base: radical de dobra, nome de antiga moeda de ouro, que Santa Rosa Viterbo descreve, no *Elucidário* (vol. II, 1966, p. 199-200), como tendo valido entre 60 a 270 réis.
- 17) **escadão** — pequena escada; escadote (R.I.L.B., Castelo, Arnóia, Celorico de Bastos, Braga. 1952, p. 7).

- 18) **escotilhão** — escotilha pequena (Silva 1955); pequena escotilha (Ferreira 1987).
- 19) **feirão** — (lus.) pequena feira (Ferreira 1987); (prov. minh.) feira pequena (Costa; Melo 1984); feirinha; este conteúdo, que permite opor a *feira* (mensal) ao *feirão* (mercado semanal) ainda se preserva em Montalegre (Girão 1957, p. 55), na ‘Terra Quente’ transmontana (concelhos de Alfândega da Fé, Carrazeda de Ansiães, Macedo de Cavaleiros, Mirandela, Vila Flor) e em todo o Alto Minho (Pereira 1917, p. 245).
- 20) **foiçã** — foice pequena (Costa; Melo 1984).
- 21) **fouçã** — instrumento para cortar cereais, de gume serrilhado, que designa a FALX MESSORIA, e que é mais pequeno que a fouce (foice); está representado nos distritos da Guarda, Castelo Branco e Santarém (Pinto 1981, p. 132).
- 22) **leirão** — leira pequena (Figueiredo 1981); espaço de terreno cultivado menor que uma leira (Figueiredo 1981); uma das partes em que se divide a leira, no concelho de Figueiró dos Vinhos (Silva 1960, p. 253).
- 23) **masseirão** — masseira pequena para usos diversos, nomeadamente para servir alimentos aguados a animais domésticos (Costa; Melo 1984).
- 24) **milhão** — (ant.) milho miúdo (Figueiredo 1981); milho que não logrou atingir o crescimento pleno, pelo que é aproveitado como alimento para o gado (zonas rurais do concelho de Águeda, Aveiro); grão de milho (R.I.L.B., S. Martinho, Várzea da Serra, Tarouca, Viseu. 1965, p. 158).
- 25) **montão** — montículo, monte pequeno (Costa; Melo 1984); "*cavar de montão*" ‘fazer a cava, deixando a terra em pequenos montes’, no falar dos lavradores e pescadores do concelho de Olhão, Algarve (Macara 1964, p. 200).
- 26) **mosquetão** — (bras.) fuzil pequeno usado pelos soldados de cavalaria e de artilharia (Ferreira 1987); arma de cano curto, usada pela cavalaria e pela artilharia no Brasil (Figueiredo 1981). Mosquete ‘espingarda grossa e pesada’.
- 27) **narcejão** — ave migradora parecida com a galinhola, porém mais pequena (Figueiredo 1981).
- 28) **peixão** — goraz, quando juvenil (Costa; Melo 1984); (t. de Aveiro e Cascais) besugo pequeno (Figueiredo 1981); pequeno peixe de cor prateada, semelhante ao besugo, no concelho de Vila do Conde (Netto 1949, p. 130).
- 29) **pintão** — filho da galinhola; frango; pintalegrete (Silva 1955).
- 30) **pontelhão** — pequena ponte (Silva 1955).
- 31) **pontilhão** — pequena ponte de vão total inferior a 10 metros (Ferreira 1987).

- 32) **quartão** — vasilha de barro para água, menor que a *quarta* mas maior que a bilha, em Turquel, Leiria (Pinto, 1981, p. 176-177); nome de medida de líquidos que, de um modo geral, equivale a um quarto de almude, e que está representado nos distritos de Aveiro, Coimbra, Leiria, Santarém, Castelo Branco, Portalegre (Pinto 1983, p. 166 e p. 176-177).
- 33) **quarteirão** — medida de líquidos, correspondente à quarta parte do *quartilho*; o seu valor oscila entre um quarto e um oitavo de litro; medida de capacidade equivalente à quarta parte do *quarteiro* (Pinto 1983, p. 25 n. 4 e p. 178-179).
- 34) **regueirão** — pequena corrente de água, registado em Bruçó, concelho de Mogadouro e Lagoaça, e no concelho de Freixo de Espada à Cinta, Bragança (Santos 1967, p. 243).
- 35) **ribeirão** — curso de água menor que um rio e maior que um riacho (Ferreira 1987); já registado como "nomen unitatis" em Trás-os-Montes (Santos 1967, p. 243).
- 36) **rodilhão** — pequena roda, em zorras e carros de mão (Figueiredo 1981).
- 37) **telhão** — telha prensada (Silva 1955) ou pequena (registado em Águeda, Aveiro); (reg. da Bairrada, Beira Litoral) pedaço de telha partida, ou um caco de telha (Figueiredo 1981).
- 38) **urtigão** — urtiga miúda, que se aproveita para os perús enquanto pequenos, no Parâmio, Bragança (Fernandes 1961, p. 111).

Embora muitos dos derivados diminutivos em *-ão* sejam provenientes de universos lexicais regionais e/ou da linguagem popular, o sufixo *-ão* com valor diminutivo não é um operador exclusivo da linguagem popular. Ainda que se trate de um instrumento derivacional não comum e de uso predominantemente popular e não urbano, a sua ocorrência não se restringe a variedades idiomáticas específicas, pelo que ele deve ser encarado como um sufixo pouco produtivo, não disponível no português contemporâneo, que está tanto mais documentado quanto mais se recua na linguagem 'popular' do século XX.

Das quase quatro dezenas de nomes arrolados, estão abonados nos dicionários brasileiros compulsados oito derivados: *agulhão*, *batelão* (bras. MT), *caravelão*, *cubatão* (bras. SP), *dobrão* (bras. do N e NE), *feirão*, *mosquetão*, *pontilhão*. No *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, o derivado *batelão* tem valor diminutivo e também aumentativo e *feirão* é descrito como Lusitanismo. *Agulhão* 'Pedra aguda, submersa no leito de um rio', denota ainda '[Náutica] Grande agulha de marear', sentido também registado nos dicionários lusitanos.

Em Portugal, o recurso a este sufixo está igualmente atestado na formação de hidrónimos e de "topónimos correlatos", isto é, de nomes de pequenas localidades, casais, aldeolas ou

lugarejos cuja denominação representa um diminutivo formado a partir de um outro topónimo, mais antigo e de uma localidade mais significativa.

Como hidrónimo pode mencionar-se *Mondegão*, nome de um pequeno curso de água que desce da Serra da Estrela e desagua em ribeiros que vão dar ao Mondego (GIRÃO, 1955, p. 90), e que significa, em última análise, um pequeno Mondego.

São produtos deste tipo: *Cabeção*, topónimo muito frequente no centro e no sul do país; *Castelão e Castelões*, topónimos diminutivos largamente representados em diversas regiões de Portugal; *Caldeirão*, nome da lagoa vulcânica da mais pequena ilha açoreana, o Corvo, contrastando com as caldeiras que, nas outras ilhas, designam crateras maiores (GIRÃO, 1957, p. 55-57); *Albardão*, nome de freguesia de São Manços, concelho de Évora; *Paranhão*; *Picão*; *Valegões* (PIEL, 1940, 1947); *Monchicão*, pequeno lugar da freguesia de Alferce, concelho de Monchique.

O quadro (1) sumaria os dados coligidos.

**Quadro 1** – Topónimos e hidrónimos portugueses em *-ão* com valor diminutivo.

Topónimos correlatos		Hidrónimo
Albardão	Monchicão	
Cabeção	Paranhão	Mondegão
Caldeirão	Picão	
Castelão	Valegões	
Castelões		

**Fonte:** elaboração própria.

No Brasil, se tomarmos como amostra a que foi recolhida por Tavares (2019, p. 132) na região centro-norte de Mato Grosso do Sul, os topónimos derivados em *-ão* que foram identificados têm todos semantismo aumentativo: *Areão, Baixadão, Brejão, Buracão, Canastrão, Corixão, Grotão, Lagoão, Lajeado, Manecão, Perdigão, Pindaibão, Poção, Taperão*. Muitas outras possibilidades de formação estavam em jogo (fitónimos, hidrónimos, zoónimos) que poderiam recorrer ao sufixo *-ão* com valor diminutivo, caso este fosse usado. Mas a sua ausência atesta a sua indisponibilidade no contexto em pauta.

### Que consequências para o estatuto de *-ão* e para a teoria morfológica?

A descrição do modo de funcionamento do sufixo *-ão* na língua portuguesa do último século, usada no Brasil e em Portugal, beneficia com o fato de se ter em conta a operacionalização do sufixo por falantes de universos socioculturais e dialectais de esferas menos ‘padrão’, nomeadamente no âmbito do léxico ‘popular’ do mundo rural lusitano e no tocante a alguns dos seus lexemas mais antigos, os quais ajudam a compreender a globalidade dos usos do sufixo na sincronia do século XX. A realidade geo-sociolectal mais especiosa, tipicamente mais

diferenciada que a da língua comum, proporciona uma abrangência de situações, contextos e valores que alargam o mapa de relações, funções e valores de uso de um dado sufixo, e assim acontece também no caso do operador aqui em apreço: -ão.

Como vários estudiosos assinalaram (ROSA, 1982; GONÇALVES et al., 2009), o sufixo -ão é, antes de tudo, um sufixo aumentativo e intensivo, seja em nomes e em adjetivos isocategoriais (RIO-TORTO, 1993), ou seja, nomes derivados de nomes, como *grupão, janelão, jantarão, trabalhão*, e adjetivos derivados de adjetivos, como *amigão, gostosão, madurão*, seja também em nomes deverbais, os quais denotam ‘agente/aquele/aquilo que V’ (*aldrabão, mandão, fujão*), ‘instrumento com que se V’ (*esfregão, picão*), ‘evento, ação/processo de V’ (*arrastão, esticão, puxão*). Além deste semantismo, os deverbais apresentam também um valor de intensidade, mais saliente nos agentivos e nos eventivos que nos instrumentais, e que foi interpretado (RIO-TORTO, 2020) como atribuído por herança do valor mais prototípico do sufixo, o valor aumentativo-intensivo. Sem descartar esta possibilidade, a gênese e a história do sufixo apontam para que, em complemento, a sua identidade tenha passado originalmente pela INDIVIDUALIZAÇÃO/DIFERENCIAÇÃO da entidade/do evento em jogo, através de uma propriedade saliente, que se terá fixado num sentido mais aumentativo-intensivo em algumas línguas, e num sentido diminutivo noutras. Na língua portuguesa hodierna, ambos os valores podem conviver, mas não se sobrepõem nas mesmas circunstâncias comunicativas.

Como já afirmado, o sentido diminutivo é claramente periférico face ao mais central, que é o aumentativo-intensivo. Não sendo desejável estabelecer uma homonímia entre dois sufixos -ão, um diminutivo e um aumentativo-intensivo, importa saber como incorporar a polissemia do sufixo na relação de pareamento entre forma e significado, há muito postulada como crucial pela teoria linguística. Um parêntesis para explicitar que não consideramos estar perante um caso de heterossemia, tal como descrita por Lichtenberk (1991), pelo fato de os dois valores semânticos, que estão relacionados historicamente — sendo, portanto, espaldados por uma comum origem e matriz (etimológica e semântica) —, não pertencerem a categorias morfossintáticas diversas, não desempenharem funções pragmáticas diversas, e não serem resultantes de um processo de gramaticalização.

Assim, a partir do esquema construcional mais genérico e abrangente ‘que X de modo individualizado, diferenciado, saliente’, em que X representa aquilo que a base nominal, adjetival ou verbal denota, são gerados esquemas mais específicos ‘que N de modo diferenciado’, ‘que V de modo diferenciado’, ‘que A de modo diferenciado’, em que as manifestações dos modos diferenciados se articulam com a natureza nominal, verbal ou adjetival da base, manifestando-se por *aumentação, intensidade, diminuição*. O valor diminutivo apenas está presente em nomes denominais.

A coabitação de semantismos aumentativo-intensivos e diminutivos, como a de aumentativo e depreciativo ou diminutivo e depreciativo, é frequente em vários dos operadores avaliativos do português (*-inh-*, *-ec-*, *-alh-*, entre outros), pelo que a sua coexistência nos derivados em *-ão* não representa uma anomalia. Este sufixo revela-se, como outros avaliativos, capaz de albergar uma polissemia de manifestações de avaliação que está inscrita na própria natureza da avaliação, seja qualitativa, quantitativa e/ou intersubjetiva.

No caso de *-ão*, as significações que o sufixo ganhou, face às matriciais, não alteraram o significado do molde original, antes o modalizaram sob a forma de extensões em nada arbitrárias relativamente ao valor primordial. Também no caso de *-inh-*, o valor hedónico (*arrozinho*, *banhinho*, *carninha*, *sol(z)inho*), afetivo (*filhinho*, *mãezinha*, *sapatinho*), o de proximidade e empatia intersubjetiva (*adeusinho*, *um cafezinho*, *um favorzinho*, *um minutinho*) inscrevem-se igualmente nas possibilidades funcionais e pragmáticas de um diminutivo (na linha de que ‘o que é pequeno tem pouco valor, é depreciável, o que é pequeno é apreciável, estimável, empático’). A coexistência de sinais antagónicos, num sentido majorativo ou minorativo, apreciativo ou depreciativo, inscreve-se, portanto, na radialidade centro/protótipo-periferia(s) que sustenta o ‘caminho’ da individualização/diferenciação até à avaliação (aumentativa/diminutiva) e que faz parte do DNA dos avaliativos. Essa mesma radialidade centro/protótipo-periferia(s) está também patente de forma emblemática nos sufixos avaliativos que acolhem, com ponderações distintas, os valores aumentativo e diminutivo, como acontece com *-ão*, *-inh-* e *-alh-*.

Uma vez mais se atesta que os significados são estruturados, relativamente abertos e subjetivos. Um operador pode ter um significado primário, mas o seu significado global pode incluir não só esse semantismo primário e central, como outros sentidos mais e menos centrais ou mais e menos periféricos, em função dos contextos situacionais em que é usado. No caso de *-ão*, o pareamento entre forma e sentido não é posto em causa, se assumirmos que o valor do operador é o avaliativo, e que este se pode manifestar num sentido diminutivo ou aumentativo.

Ao compaginar valor aumentativo-intensivo e diminutivo no sufixo *-ão*, a língua portuguesa fica assim, duplamente irmanada com as demais línguas românicas, como o francês, ou o catalão, línguas que dispõem ainda do valor diminutivo, e também comunga com o castelhano, o italiano, o romeno, o valor aumentativo-intensivo. Mas no conspecto das línguas românicas, a língua portuguesa distingue-se das demais por acumular, ainda que com pesos diferentes, os valores aumentativo e diminutivo do descendente de *-ONE*, como o quadro seguinte visualiza.

**Quadro 2** – Valor aumentativo e diminutivo dos descendentes românicos de -ONE

	Valor AUMENTATIVO	Valor DIMINUTIVO
Português -ÃO	Amigão, calorão, churrascão, cobardão, tempão, toalhão	Cordão, estradão, pontão
Espanhol -ÓN	Cucharón, cobardón, hombrón, fortunón	
Italiano -ONE	Casone, gattone, palazzone ragazzone, successone	
Francês -ON	-	Aiglon, botillon, cordon, raton
Catalão -Ó	-	Animaló, calentó, carretó

**Fonte:** elaboração própria

Uma vez mais, o conhecimento da história e da expressão multilinguística dos descendentes de um mesmo étimo na sua família de línguas, facilita a compreensão dos atuais valores de um operador (no caso sufixal), sejam os mais centrais, sejam os mais periféricos. Uns e outros são relevantes para o ‘mapeamento’ do funcionamento do sufixo, na sua diversidade semântica e na sua diferenciação transcontinental.

### Considerações finais

No português europeu e, em menor escala, no português do Brasil, o sufixo -ão funciona como operador diminutivo, estando presente em alguns nomes do léxico comum, como *estradao*, *pontao*, e em nomes do léxico mais específico do mundo rural, brasileiro (v.g. *ubatão*, *mosquetão*) ou lusitano (*agulhão*; *albardão*; *batelão*; *caldeirão*; *camalhão*; *cangão*; *carreirão*; *casão*; *chavelhão*; *chicharões*; *escadão*; *feirão*; *foução/foição*; *leirão*; *malotão*; *masseirão*; *pedrões*; *peixão*; *pintão*; *pulgão*; *pontelhão*; *regueirão*; *ribeirão*; *telhão*; *terrão*; *urtigão*). O valor diminutivo é raramente mencionado, talvez por ser menos típico e bem menos usado que o aumentativo e intensivo, de longe o mais representativo do sufixo. Por isso, para um falante comum, o mais provável é que os nomes sufixados em -ão acima arrolados sejam interpretados como aumentativos, correspondendo a ‘x [o denotado pela base] de grandes dimensões’. Tal valor diminutivo, que é comum a outras línguas românicas, encontra-se atestado em lexemas denotadores de realidades do mundo rural de Portugal e do Brasil, estando também presente em palavras já antigas na língua, como *caravelão*, *dobrão*, *mosquetão*, *ou quartão* e *quarteirão* ‘denominações de medidas de líquidos’.

A coexistência do valor diminutivo e do valor aumentativo, ainda que com pesos diferentes e com usos contextualmente distintos, é uma propriedade que afeta outros sufixos avaliativos, e que se enraíza no semantismo do próprio sufixo -ONE. O valor matricial deste terá sido o de INDIVIDUALIZAÇÃO/DIFERENCIAÇÃO, através de uma dada propriedade saliente que, na língua portuguesa, se cristalizou essencialmente no sentido aumentativo-intensivo, mas também no diminutivo. Este valor diminutivo manifesta-se nos nomes denominais; o valor aumentativo-

intensivo está presente em nomes denominais, deverbais e em adjetivos. Assim, *-ão* comporta-se como outros avaliativos (v.g. *-inh-*, *-ec-*) que, ao lado de um valor mais representado, como o diminutivo de *-inh-* (*dedinho*, *livrinho*) ou o depreciativo de *-ec-* (*lojeca*), acomodam um valor intensivo (*certinho*, *pertinho*) ou um valor apreciativo (*soneca*, *monstreco*). No caso de *-ão* os valores em coexistência são o diminutivo e o aumentativo, com claro ganho de uso deste. O pareamento entre forma e sentido não fica posto em causa, se assumirmos que o valor do operador é o avaliativo, e que este se pode manifestar num sentido diminutivo ou aumentativo.

Para compreender o valor diminutivo de *-ão* torna-se, pois, necessário convocar conhecimentos históricos, que amiúde nos trazem luz sobre os usos mais próximos do operador no transcurso da língua. As abordagens a-históricas da morfologia e da semântica dos operadores afixais podem ocultar factos e realidades que ajudam a explicar satisfatoriamente os usos atuais dos mesmos. A utilidade do concurso da morfologia histórica e diacrónica torna-se, neste caso de *-ão*, inquestionável.

Ademais, ao permitir a coexistência dos valores aumentativo-intensivo e diminutivo no sufixo *-ão*, a língua portuguesa comunga das duas grandes redes idiomáticas que se formam no interior das línguas românicas: (i) a que inclui o francês, o provençal, o siciliano, o calabrês, o catalão, o aragonês e o galego, línguas cujos representantes de *-ONE* dispõem ainda do valor diminutivo; e (ii) a que congrega o castelhano, o italiano, o romeno, em que os descendentes de *-ONE* têm valor aumentativo-intensivo. Falta conhecer a fundo as dinâmicas dos fluxos lexicais que sustentam historicamente estas duas facetas do universo românico. Ao mesmo tempo, a língua portuguesa singulariza-se pela coexistência dos valores aumentativo-intensivo e diminutivo do sufixo *-ão*, o que é uma peculiaridade já assinalada (RIO-TORTO, 2022). Uma vez mais, o conhecimento da história e da expressão multilinguística dos descendentes de um mesmo étimo na sua família de línguas propicia uma compreensão mais holística dos atuais valores de um operador sufixal, sejam os mais centrais, sejam os mais periféricos. Uns e outros são relevantes para o mapeamento do funcionamento do sufixo, na sua diferenciação intrassistémica e diassistémica, em razão da rede de contactos desde sempre mantidos entre as línguas românicas de diferentes latitudes.

## Referências

ALVES, J. L. M. R. L. *A linguagem dos pescadores da Ericeira*. Lisboa, Junta Distrital de Lisboa, 1965.

ARONOFF, M.; FUEDEMAN, K. *What Is Morphology?* Oxford: Blackwell, 2005.

AZEREDO, J. C.de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2010.

BASÍLIO, M. *Formação e classes de palavras no PB*. São Paulo: Contexto, 2004.

BASÍLIO, M. *Teoria Lexical*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

*Diadorim*, Rio de Janeiro, vol. 24, número 1, p. 233 - 250, 2022.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BOOIJ, G. *The Grammar of Words: An Introduction to Linguistic Morphology*. 2nd edition. Oxford: Oxford University Press, 2007.

BOOIJ, G. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

COSTA, J. A.; MELO, A. S. e. *Dicionário da língua portuguesa*. 6ª edição, corrigida e aumentada. Porto: Porto Editora, 1984.

CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2ª edição, revista e acrescida de um suplemento. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2 ed. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1984.

CRUZ, M. L. S. da. *O falar de Odeleite*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian; Instituto Nacional de Investigação Científica, 1991.

DIAS, J. L. *A linguagem popular da Beira Baixa*. Lisboa: Editorial Império, 1962.

*Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2021. <https://dicionario.priberam.org/> [consultado em 09-11-2021].

DIEZ, F. *Grammaire des langues romanes*. Tome II. Paris, A. Franck, 1874.

FERNANDES, H. da P. *O Parâmio. Contribuição para o estudo da linguagem e etnografia da região bragançana*. Dissertação de Licenciatura (inédita). Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra. Coimbra. 1961.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975; 2ª edição. 1987.

FIGUEIREDO, C. de. *Grande dicionário da língua portuguesa*. 2 vols. Lisboa: Bertrand. 1º vol., 16ª edição, 1981; 2º vol., 15ª edição, 1982.

GIRÃO, A. de A. Mondego, *Mondeguinho e Mondegão*. In: Boletim do Centro de Estudos Geográficos, nº 10-11, p. 90-91, 1955.

GIRÃO, A. de A. *O sufixo -ão como diminutivo toponímico*. In: Boletim do Centro de Estudos Geográficos, nº 14-15, p. 55-57, 1957.

GONÇALVES, C. A. V. et al. *Para uma estrutura radial das construções X-ão do português do Brasil*. In: ALMEIDA, M. L. L. et al. (org.). *Linguística Cognitiva em foco: morfologia e semântica*. Rio de Janeiro: Publit, 2009. p. 141-156.

GONÇALVES, C. A. V.; ALMEIDA, M. L. L. de. Morfologia construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias. *Alfa*, São Paulo, v. 58 nº 1, p. 165-193, 2014.

GONÇALVES, C. A. *Atuais tendências em formação de palavras*. São Paulo: Contexto, 2016.

HARRIS; M; VINCENT, N. (ed.). *The Romance Languages*. Oxford: Oxford University Press. 1990.

HASSELROT, B. *Études sur la formation diminutive dans les langues romanes*. Upsala: Acta Universitatis Upsaliensis, 1957.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2002.

KEHDI, V. *Formação de palavras em português*. São Paulo: Ática, 1992.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*. Vol. I: theoretical prerequisites. Stanford: University Press, 1987.

LEDGEWAY, A.; MAIDEN, M. (ed). *The Oxford Guide to the Romance Languages*. Oxford: Oxford University Press. 2016.

LEDGEWAY, A.; MAIDEN, M. (ed). *The Cambridge Handbook of Romance Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press. 2022.

LICHTENBERK, F. On the gradualness of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (ed.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1991. v.1, p. 37-80.

LOUÇÃO, J. L. L. Lexicografia das margens do Minho. In: *Revista Lusitana*, vol. XXIX, p. 246-276, 1931.

MACARA, M. C. C. *O falar dos lavradores e pescadores do concelho de Olhão. Contribuição para o estudo linguístico, etnográfico e folclórico*. Dissertação (Licenciatura em Filologia Românica). Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra. Coimbra. 1964.

MACHADO, J. P. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 3ª edição, 5 vols. Lisboa, Livros Horizonte, 1977.

MAGNO, L. M. dos S. *Áreas lexicais em Portugal e na Itália*. Dissertação de Licenciatura. Coimbra. Separata da Revista Portuguesa de Filologia, vol. XI. 1961.

MEYER-LÜBKE, W. *Grammaire des langues romanes* (traduction par Auguste Doutrepoint e Geroges Doutrepoint). Tome II: Morphologie. Paris: H. Welter Éditeur, 1895.

MICHAËLIS DE VASCONCELOS, C. *Lições de filologia portuguesa (segundo as preleções feitas aos cursos de 1911-1912 e 1912-1913)*. Lisboa: Dinalivro, 1914.

NETTO, M. T. de M. L. A linguagem dos pescadores e lavradores do concelho de Vila do Conde. Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. I, p. 59-151 e vol. II, p. 122-187, Coimbra, 1949.

NUNES, J. J. *Compêndio de gramática histórica portuguesa - Fonética e Morfologia*. 9ª edição, Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1989.

PEREIRA, F. A. Glossário dialectológico do concelho de Arcos de Valdevez (Alto-Minho). In: *Revista Lusitana*, vol. XX, p. 239-256, 1917.

PIEL, J. M. A formação dos nomes de lugares e de instrumentos em português. In: *Boletim de Filologia*, tomo VII, fasc. 1, p. 31-47, 1940.

PIEL, J. M. Nomes de lugar referentes ao relevo e ao aspecto geral do solo (capítulo de uma toponímia galego-portuguesa). Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. I, tomo I, p. 153-197, 1947.

PINTO, A. A. *Áreas linguístico-etnográficas de alfaias agrícolas de corte*. Sep. de: Biblos (Coimbra. Faculdade de Letras), vol. 57, p. 97-163, 1981.

PINTO, A. A. *Isoléxicas portuguesas: antigas medidas de capacidade*. Coimbra: Universidade de Coimbra. Faculdade de Letras. Instituto de Língua e Literatura Portuguesas. Sep. de *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XVIII, 1983.

POMBINHO Jr., J. A. Vocabulário alentejano (subsídios para o léxico português). In: *Revista Lusitana*, vol. XXVI, p. 68-83, 1924.

*Relatórios do Inquérito Linguístico Boléo*. Faculdade de Letras de Coimbra. [R.I.L.B.]

RIO-TORTO, G. *Formação de palavras em português. Aspetos da construção de avaliativos*. Dissertação de Doutoramento em Linguística Portuguesa. Coimbra: Universidade de Coimbra, 977 p. + I-VI. Reprodução da Secção de Textos da Faculdade de Letras de Coimbra. 1993. <http://hdl.handle.net/10316/24452>.

RIO-TORTO, G. Formação de avaliativos. In: RIO-TORTO, G. et al., *Gramática derivacional do português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016, p. 357-389.

RIO-TORTO, G. Derivação. In: RAPOSO, E. P. et al., *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2020, p. 215-336.

RIO-TORTO, G. Peculiarities of Portuguese Word-Formation. In: M. Loporcaro (Ed.), *Oxford Encyclopedia of Romance Linguistics* (part of *Oxford Research Encyclopedia of Linguistics* ed. by M. Aronoff). Oxford University Press, 2022. <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780199384655.013.687>.

RIO-TORTO, G.; RODRIGUES, A. S. Formação de nomes. RIO-TORTO, G. et al., *Gramática derivacional do português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016, p. 135-240.

ROCHALIMA, C. H. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1972.

ROSA, M. C. A. P. *Formação de nomes aumentativos: estudos da produtividade de alguns sufixos portugueses*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1982.

SANDMANN, A. J. *Formação de Palavras No Português Brasileiro Contemporâneo*. Curitiba: Ícone. 1989.

SANTOS, M. J. M. *Os falares fronteiriços de Trás-os-Montes*. Coimbra. Instituto de Língua e Literatura Portuguesas, 1967.

SEITA, I. F. *A linguagem popular de Aldeia Nova de São Bento*. Dissertação (Licenciatura em Filologia Românica). Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. Lisboa, 1944.

SILVA, F. J. *Dicionário da língua portuguesa*. 3ª edição, actualizada e valorizada com centenas de locuções latinas, gregas e estrangeiras. Porto: Domingos Barreira, 1955.

SILVA, M. C. L. R. M. da. Vila Nova de Ourém. *Contribuição para o estudo linguístico, etnográfico e folclórico do concelho*. Dissertação (Licenciatura em Filologia Românica). Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra. Coimbra, 1972.

SILVA, M. G. G. e. Figueiró dos Vinhos. *Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Dissertação (Licenciatura em Filologia Românica). Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra. Coimbra, 1960.

SOARES BARBOSA, J. *Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa ou Princípios da Grammatica Geral Aplicados á Nossa Linguagem*. Lisboa: Typographia Da Acad. Real das Sciencias. S. L., 1822.

SOUSA, G. S. de. *Tratado descriptivo do Brazil em 1587*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1851.

TAVARES, M. C. A toponímia da região centro-norte de Mato Grosso do Sul. In: ISQUERDO, A. N. (org.). *Toponímia ATEMS: caminhos metodológicos*, v.1. Campo Grande, MS : Ed. UFMS, 2019. p. 111-147.

VITERBO, Fr. J. de S. R. *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram. Edição crítica por Mário Fiúza, baseada nos manuscritos do autor*. Porto e Lisboa, Livraria Civilização, vol. I e vol. II. 1965, 1966.